



# A Ética do/no Discurso Político

---

Jandir João Zanotelli\*

## Terceira Parte – Análise e Conclusões

(Obs. A primeira parte deste artigo foi publicado no penúltimo número desta revista Razão e Fé; A segunda parte com os pressupostos teóricos foi publicada no último número desta mesma revista)

---

**Resumo:** O presente artigo pretende tematizar o discurso político do Congresso Nacional Brasileiro, nos anos de 2005-2006 relacionando-o com a ética. Para tanto adotamos o posicionamento de Enrique Dussel para quem a ética necessariamente deve englobar três dimensões: 1. uma dimensão material, substancial, real; 2. uma dimensão formal, universal, transcendente; 3. uma dimensão de factibilidade. Superam-se assim as dimensões éticas apontadas pela Modernidade e pós-modernidade, inclusive as posições de Apel e Habermas em sua ética do discurso. “A reprodução e o desenvolvimento da vida do sujeito humano é o critério de verdade (teórica e prática), condição absoluta da existência não somente dos sujeitos da argumentação enquanto tais, senão também dos próprios processos conceituais e lingüísticos”<sup>1</sup> Nesta perspectiva teórica, o discurso político parece revelar, a um tempo, a banalização do agir político exclusivamente pautado pela estratégia da eficácia, do poder pelo poder (razão cínica), e por outro faz-se teatro de apelo para o ético (da outridade). A ambiguidade ética, desde o nihilismo, relativismo ao comunitarismo, ao pragmatismo, adotado inclusive em universidades do Brasil, deve e pode ser superada. Analisamos assim os discursos de denúncia, defesa, dos argüidores e da sociedade sobre os escândalos ocorridos nas casas do Congresso, tentando discernir em que se fundam e a que levam. Com isso tentamos vincular: ética, discurso, política e filosofia.

**Palavras-chave:** Ética; discurso; política.

---

\* Professor da UCPel. Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia N S da Imaculada Conceição, graduado em Teologia - Seminário Maior N S Imaculada Conceição Viamão e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pelotas. Doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

<sup>1</sup> Dussel-Apel, 2005: 343.

## **A Análise do discurso político**

Ora, o discurso político que acontece no governo federal (em seus três poderes) e especialmente no Congresso Nacional, e tornados públicos pela mídia (falada, escrita, televisiva e eletronicamente), evidencia uma contradição que aturde e impacta:

a) Por um lado expressa e reproduz as condições produtivo-práticas da sociedade brasileira enquadradas no contexto do mercado global.

b) Por outro lado pretende justificar, legitimar a ação política com a ética que não é a do mercado e que lhe é contraditória.

a) Assim, segundo as diretrizes do mercado, a ética consiste em enriquecer, acumular riqueza em forma de lucro e de capital que se reproduz e concentra como propriedade absoluta e exclusiva: quem enriquece assim é bom, seu sucesso econômico-financeiro como capacidade de consumo conspícuo é sinal de que é abençoado por Deus cuja mão invisível é o mercado. Se abençoado é porque foi pré-destinado para a Salvação segundo a teologia de Calvino analisada por Max Weber. A ética do mercado consiste em cuidar cada qual de seus negócios com competência. O mercado julgará os mais competentes e os premiará com o céu do consumo, e aos incompetentes em cuidar de seu egoísmo dará o inferno do desemprego, do não consumo, da não educação, da não saúde, da não segurança. Ser bom e ético seria então ser egoísta com competência, não ter comiseração com os excluídos do mercado por sua própria culpa e incompetência. É ser esperto. É saber jogar o jogo do mercado em seus atos de fala: econômicos, políticos, sociais e culturais. Pode-se analisar aqui a competência dos atos de fala, do sujeito, sujeitado ou não, do poder como competência do falar.

A instituição da razão acima dos sentimentos, da irracionalidade da crença, das tradições e da autoridade, especialmente eclesiástica do Estado de Cristandade, justificaria a racionalidade do mercado, em quem, como no Deus da Cristandade, se deve ter fé e não racionalidade lógica. O mercado (leia-se a governabilidade política ditada pelo mercado e propalada pelo governo Lula) determina o que é correto, justo, bom, ético e não vice-versa: o mercado determinado e guiado pelo ético. Assim é ético tudo o que o mercado, a governabilidade, exige: mentir,

fazer de conta que há transparência, roubar, apropriar-se do que é público, com os costumes históricos de fisiologismo, nepotismo...

b) No entanto, esta brutal e desumana perspectiva imposta pelo mercado mundial, concentrando a renda (não como um acidente de percurso e sim como consequência de sua própria essência) e excluindo a maioria da humanidade das condições mínimas de sobrevivência com dignidade, não poderá ser exposta em sua crueza e verdade pelo discurso político sob pena de não obter o consenso, o voto, o apoio dos governados e/ou representados: por isso precisa ser disfarçada sob o véu de uma ética da solidariedade.

Ora, ambos os aspectos, o da propriedade que se multiplica em forma de mercado, e o da solidariedade que faz com que um homem se libere ao encontro das necessidades do outro homem estão presentes no Estado de Cristandade que originou o projeto europeu com seu mercado (mercantilista, manufatureiro, industrial, financeiro e virtual) e que foi imposto a todo o mundo como forma de civilização e/ou evangelização.

Esta concepção que fundiu poder e evangelização, ética e poder torna possível o discurso político no Brasil hoje, como contradição que busca justificar a conveniência de um grupo, a apropriação dos bens públicos, os privilégios do poder, com o disfarce e simulação de atender a todos, segundo as promessas da Modernidade: legalidade, Estado de Direito, igualdade, liberdade, fraternidade, República.

O que significa, como interpretar o discurso político no Brasil de hoje? Em que ética ele se respalda, a que ética ele procura conduzir? Onde encontrar critérios de análise deste discurso? Na ética do discurso dos representantes da escola de Frankfurt (Apel, Habermas...)? Já vimos que são insuficientes. Seguiremos o caminho apontado por Dussel em sua ética da libertação.

Está claro que a Subjetividade moderna não é fundamento para a ética. Nem na política, nem na religião, nem na metodologia científica, nem na filosofia...

Por outro lado a ética não pode ser apenas formal (Imperativo Categórico) nem intimista (a boa consciência). Deve

acontecer materialmente na economia, na política, na educação, na organização social.

Um consenso, mesmo em igualdade de condições, com simetria dos interlocutores (Apel e Habermas) não é fundamento ético se não iniciar e concluir na inclusão dos excluídos do diálogo para o consenso. Entre os iguais não há ética, há apenas a mesmidade do mesmo, a auto-proteção que sempre camufla uma carta na manga, um engano, um segredo como alma do negócio... As condições éticas de veracidade, de coerência, realidade, transparência para o diálogo só acontecem na transcendência em direção ao ouvir o clamor do excluído e associar-se a ele como companheiro e assessor do processo de libertação.

Não há ética na política e nem no discurso político (que encobre a não-ética da política) porque não há ouvidos para o clamor dos excluídos, nem boa vontade para incluí-los na partilha dos bens e da palavra... Para não ter que ouvir o clamor do excluído, provocam-se mais ruídos de máquinas (MCS, ...), de políticas clientelistas e populistas... de inclusão positiva... Tem razão e é ético quem está fazendo mais...

A ética chama, conduz, organiza e fundamenta o consenso e seu discurso. O consenso por si mesmo não produz o ético, nem traduz ou organiza o ético. A solidariedade ética leva ao consenso e garante-o, nem sempre, porém o consenso produz a solidariedade ética. A nomia, enquanto sentimento de pertença a, nem sempre é saudável: pode ser fruto do medo, do desespero e do ódio ante a percepção da impossibilidade da solidariedade. A guerra que leva à propriedade (absoluta, exclusiva e excludente) “solidariza” as partes opostas como ódio ao mesmo inimigo. Amar é odiar juntos o mesmo inimigo (Sartre). Nem por isso o ódio é ético. O ético, porém, que gera indignação, rebeldia, luta contra a injustiça não é o ódio da guerra que quer eliminar o outro porque estorva e não permite a propriedade (como direito de fazer o que se quiser com o que é seu). A propriedade é, definitivamente, um roubo (Proudhon), uma exclusão do outro, uma opressão que não permite a solidariedade, o consenso: é o anti-ético. Ao contrário a posse, antes da propriedade (e não como decorrência da propriedade como a trata o direito brasileiro) é o modo original e originário de o homem inserir-se no mundo, organizar sua casa, sua cidade, sua comunidade. A posse, como a tratavam as primeiras civilizações (os pré-semitas) é sempre comunitária. A propriedade é sempre contra a comunidade.

De nada adiantam as barreiras sociais à propriedade: serão sempre rompidas quando os dominadores tiverem força para tanto. A solidariedade implica na posse e é contraditória à propriedade em seu sentido pleno.

Quando a propriedade funda o modo de produção, ela marca as relações sociais, a organização política e, ideologicamente se justifica na cultura (ciência, arte, filosofia, religião...) o roubo que acontece em múltiplas formas:

- no processo de produção de bens (plus trabalho, plus valia, a transformação do trabalho vivo em força de trabalho, tudo justificado pela propriedade dos bens de produção (Marx));

- na distribuição do produto do trabalho (salário mínimo para a reprodução da força de trabalho x acúmulo da mais valia como capital que se multiplica a si mesmo no mercado e como mercado);

- na organização social e sua validação ético-jurídica (é justo e ético o que os detentores do capital fazem, é injusto, anti-ético, imoral tudo o que a classe excluída do capital faz...);

- na organização política (O Estado é o comitê estatuído para a defesa dos interesses dos detentores do capital... as leis, os poderes tripartidos ou não, a polícia, a criminalização, o sistema penitenciário, as políticas públicas em todos os setores incluindo educação, segurança, saúde, previdência, emprego, cargos...). No entanto, como o Estado Liberal, foi conquistado (pela burguesia) da Nobreza e da Hierarquia Eclesiástica, com o auxílio dos servos da gleba, dos trabalhadores na miséria e com promessa de que seria o lugar, o refúgio, a garantia para todos (num sistema de igualdade, liberdade e fraternidade), cinde-se o argumento para conseguir o consenso: por um lado é preciso alardear que o Estado é democrático, para todos, e por outro (sob a perspectiva da ordem, - leia-se governabilidade -, do progresso, da evolução) garante-se a exclusão dos não detentores do capital. O Estado burguês, de fato, é organizado para garantir a reprodução do capital em todos os seus elementos.

- Na organização, no funcionamento, na expressão cultural: a escola, a universidade, a editora, o mercado de livros, jornais, os MCS em geral, garantem a violência simbólica (Bourdieu – Passeron, Althusser, M. Foucault) na reprodução das condições do sistema de produção vigente, capitalista, de mercado, mundial...

- A própria religião, enquanto justificativa última da argumentação ideológica, funda em Deus (o grande proprietário e senhor que tem seu representante na terra na pessoa do papa e na delegação do poder do rei) a liberdade enquanto arbitrariedade

(livre arbítrio) que cada indivíduo tem (leia-se burguês ou detentor do domínio do capital e da hegemonia político-cultural) de empreender, de contratar, de exigir o cumprimento do contrato por parte dos excluídos do capital na produção e distribuição dos bens.<sup>2</sup>

O Estado de Cristandade, consolidou, sacralizou a propriedade e, portanto o roubo, em nome de Deus, garantindo a formação do projeto civilizatório europeu, que nos colonizou, marcou, identificou e hoje se fez mundial.

A sociedade brasileira, fundada sobre a propriedade e o roubo, como poderá coibir que o roubo, a corrupção, a mentira, não aconteçam em todas as esferas?

O argumento do governo Lula de que a corrupção não é da agora, que todos fazem assim, se investigarem o nosso governo nós investigaremos os governos dos outros, se não fosse cinismo, teria aí sua fundamentação.

O Brasil nasceu, como um ato de corrupção e para ser corrompido: um conjunto de latifúndios, monocultores, escravagistas e exportadores... com monopólios econômicos, concentração do poder político, sacralização do poder pela religião.... no Estado de Cristandade Colonial...

A Europa se constituiu e se projetou para corromper: impérios, mercantis, salvacionistas soldados e moldados pelo Estado de Cristandade...

A burguesia (crioula, mestiça, brasileira, positivista, maçônica e aparentemente anticlerical) que substituiu a metrópole no comando das nações que se independizam política, mas não econômica nem culturalmente da metrópole, exercita, ao paroxismo, a corrupção ativa e passiva para manter o poder.

Poderão (e quererão?) os corruptores extinguir a corrupção? Poderá a Europa (que é excludente, racista, genocida, machista, exploradora econômica do Terceiro Mundo, controladora dos meios de comunicação e de registro e produção acadêmica, ensinar aos povos a Ética do respeito, da tolerância, da igualdade, da liberdade, da fraternidade?

Não será a ética européia, em todas as suas dimensões (religiosa, filosófica, política....) apenas uma ideologia para justificar seus interesses e para inculcar nos explorados a culpa de sua própria miséria?

---

<sup>2</sup> Cf. Discurso de P. Valverde em favor de Pizarro, ante Atualpa, como justificativa para a tomada do Império Incaico ou as cartas de Cortez no México.

As utopias européias (nacionalismo, liberalismo, socialismo, positivismo, iluminismo, racionalismo, subjetivismo, nihilismo, existencialismo etc. etc...) serão capazes de oferecer ao mundo uma possibilidade ética do existir?

Não deveríamos contar com longínquas raízes antropológicas e éticas das civilizações pré-semitas e semitas para entender a corrupção que assola o mundo e o Brasil e para oferecer perspectivas de esperança?

A propriedade, a apropriação (exclusiva e absoluta), travestida de auto-determinação, de liberdade, de futuridade e abençoada pelo viés da cristandade identificada sem mais com o cristianismo, divinizando o poder (econômico, político, social, cultural, religioso) e a conseqüente hierarquia excludente, não será a base e a exigência de toda a corrupção?

E não adianta a doutrina naturalista para justificar a corrupção: o homem é naturalmente corrupto e corruptor, lobo do outro homem, seguindo alei da evolução que o mais forte devora o mais fraco... muito bem manipulada pelos detentores do poder. Esta é a solução de quem está na corrupção e quer justificar a si mesmo...

Pergunta bem diversa é: por que o homem aceita ser corrompido? Por pressão, opressão, medo, necessidade, ganância?

Nossa hipótese é a de que a corrupção ativa e passiva acontece por medo e desespero ante a incapacidade e até impossibilidade de um encontro leal, nu, solidário, fraterno (osso dos meus ossos, carne da minha carne bíblica). Querer controlar o outro para que ele não me controle no desespero de não ser capaz de amar e aceitar ser amado... é a tentação permanente de cada homem e de todo homem...

O homem que nasceu para **se** encontrar **com** o outro **através** do mundo, **na** nudez sente-se permanentemente tentado a apropriar-se do critério ético: eu faço o mundo e a vida como eu quiser... e então o outro se torna entranho (aquela que tu me deste...) medroso, fujão, oprimido e opressor... o universo será o vale de lágrimas, o lugar de espinhos e abrolhos, a sexualidade não será convite e proposta para o encontro e sim subjugação... a transcendência será opressiva (olho grosso), mandona e impossibilitadora da liberdade... o caminho será o homicídio (Caim), o desencontro (Babel), a errância à procura de que alguém nos castigue (Caim) e identificando nos fenômenos da natureza o castigo pela culpa... esquecendo até que há um abismo, uma inimizade, uma impossibilidade de casamento entre a serpente e a mulher, entre o homem e a maldade (sua negação...)

O homem é permanentemente tentado a negar e negar-se ao outro através do controle (econômico 'o pão', cultural 'o prestígio', político 'o poder', tanto como Eva e como Cristo). A corrupção é a eterna tentação do homem.

É bom observar que esta teoria não nasceu da especulação de indivíduos ociosos e sim traduz a experiência milenar das primeiras grandes civilizações que a Europa insiste em afirmar que não tem pensamento crítico: que tudo se resume em teologia ou mito, sem racionalidade como a inaugurada pela filosofia grega.

Solução? A conversão, a metanóia que se faz como um agir histórico, uma práxis histórica, como uma educação que não é apenas teoria, mas testemunho, exemplo, vivência com o outro. Onde estão nossas vivências éticas, nossas indignações éticas, nossas possibilidades educacionais? Não estão nas teorias filosóficas e teológicas do Estado de Cristandade. Nem nas teorias e práticas políticas de Colônia, República Velha ou Nova, nem nas Ditaduras ou nos espasmos de caras pintadas ou nos cultivadores de desordens, de ilegalidades em nome da luta, como se a luta conduzisse à paz... Não estão na maioria dos meios de comunicação da grande Mídia, interessados em manter o *status quo* econômico, político e social...

Nossa hipótese que a saída para o re-encontro com a ética na política está na construção de comunidades reais. E onde estão as comunidades reais que nascem, crescem e se nutrem (e nutrem) da solidariedade que, para ser real deve ser honesta, verdadeira, olho no olho, na confiança da palavra surpreendente do outro? Elas foram absorvidas, usadas, corrompidas pelo poder (do partido, do interesse de grupos econômicos, políticos e até religiosos)? Definitivamente, sem a superação da propriedade não se supera a corrupção!

O discurso que justifica a corrupção nasce e se nutre do disfarce, na contradição do Estado de Cristandade... Negar (porque o outro tem o dever de acreditar na minha inocência), confessar (porque o outro tem o dever de ter compaixão com minha fraqueza), acusar (porque o outro deve ter a santa indignação contra o mal), igualar-se aos outros (porque o outro não pode fazer-se melhor e acima dos outros e a humildade é a fonte da santidade e da ética)... A justificativa nasce sempre do fundo religioso do Estado de Cristandade (religião e poder).

Está pressuposto que há sujeito do discurso, não apenas um sujeito sujeitoado, mas um sujeito, condicionado e que faz do condicionamento sua possibilitação de dizer e agir. Não há inconsciente, tradição, sistema que seja capaz de dar conta do

discurso político em sua eticidade. A ética do discurso político não está no conformismo com as regras morais e jurídicas que a sociedade cultua, a ética não é a moral. A moral é fundada, refundada discursivamente pelo sujeito político que escuta o clamor do excluído exigindo justiça. Ser sujeito é escutar. A palavra escutada não produz a resposta, ela exige, ela obriga a uma resposta que nasce da outridade, da liberdade de quem está cara a cara com aquele que grita desde a exclusão.

Está pressuposto também que toda frase, todo discurso é inter-pelação, inter-ação, diálogo de um sujeito para outro sujeito. Como os maias: o diálogo não tem objeto direto (as coisas, que se compram, que se vendem, que estão aí simplesmente) como apropriação de um verbo transitivo... A reciprocidade acontece antes, além e depois do objeto, no falar... (Mayas).

A força, a energia, a autoridade, a legitimidade do governante vem da defesa intransigente do mais fraco

Defender o mais fraco é defender a todos: democracia

Há a linguagem dos conflitos: Democracia direta x representativa; o Estado x sociedade; o público x privado; o mercado é público e a ética é privada – elitismo x igualitarismo (Platão); o melhor sistema de governo (Aristóteles); o bem individual x bem comum (S.Tomás); a obrigação de obedecer a autoridade (Hobbes); a defesa dos direitos naturais a partir do poder (Locke); os limites da representação política x democracia direta (Rousseau); a liberdade individual x poder político social (Stuart Mill); a base moral da Democracia (Tocqueville); a responsabilidade dos políticos (Weber)...<sup>3</sup>mas a linguagem não é apenas conflito nem consiste no conflito. Ela recolhe, aprofunda e supera os conflitos.

Assim, o discurso político, na conflitividade dos pontos de vista, não será ético se não nascer, crescer e acontecer na possibilidade da síntese superadora: o grito do excluído clamando por justiça.

Diante dos fatos apenas elencados, acima, focalizaremos para análise:

- a) As denúncias e a estrutura dos discursos de denúncia, não só dos congressistas como também da grande imprensa
- b) A defesa e a estrutura do discurso argumentativo de defesa contra as denúncias, quer particulares, quer institucionais (situação x oposição)

<sup>3</sup> Dicionário do Pensamento Contemporâneo: 290.

- c) O discurso de comentaristas e entidades da sociedade sobre o denunciado e alternativas
- d) Procuraremos situar os vários discursos desde o horizonte ético acima esboçado.

### **A) O Discurso da Denúncia** (o discurso como denúncia)

Maurício Marinho, flagrado pegando pegando 3.000 reais de propina... envolve Roberto Jefferson... A força da imagem é contundente

Jefferson: o governo distribui mensalão para comprar deputados na votação matérias importantes para o governo: reforma da previdência, reforma tributária, criação de mais ministérios e cargos em comissão. O PT, através de um carequinha de Minas Gerais, com Delúvio, Secretário do PT, tudo articulado por José Dirceu... deu ao PTB 4 milhões, armaram um flagrante dos correios, mas isto como fichinha.... O domínio dos grandes contratos, o favorecimento das licitações e tudo sob a aparência de conseguir verbas para o partido com a venda de camisas, bótãos, bandeirinhas e pequenas contribuições.... quiseram pôr um cadáver no meu colo e eu então abri as baterias... Diz que avisou o Presidente e que este se mostrara surpreso...<sup>4</sup>

A eficácia (ilocucionária e perlocucionária ) do discurso de quem está no sexto mandato de deputado, com habilidade teatral e retórica impressiona o Brasil.

A fisionomia multifacetada da corrupção: caixa 2, mensalão, apropriação de dinheiro público, malversação de recursos, formação de quadrilha, falsificação ideológica, envio de recursos para o exterior ilegalmente, dinheiro escondido em malas, em cuecas, em caixas de bebidas e charutos, os caminhos escusos do dinheiro (que não poderia aparecer), lavagem de dinheiro, tráfico de drogas e armas; forma uma avalanche que aturde até os mais acostumados a lidar com fraude.

O discurso de denúncia de senadores e deputados utilizando informações da mídia pressupõe da indignação popular ante uma afronta feita a princípios morais, a tradições seculares tidas como regra de vida, adotadas pela sociedade brasileira como boas, certas, justas, definidoras da identidade do humano.

A denúncia por parte da sociedade:

---

<sup>4</sup> Veja, 20/07/2005.

OAB denuncia e exige providências em nome de princípios formais de uma sociedade liberal cuja nascente vem da Revolução Francesa... A OAB formaliza notícia-crime contra Lula. A denúncia é entregue pelo advogado Roberto Busato ao procurador-geral da República, Antonio Fernando de Souza. Traz três justificativas para a investigação contra o presidente. A primeira é o aporte de R\$ 10 milhões da Telemar à Gamecorp. A empresa pertence a Fábio Luiz Lula da Silva, o Lulinha.<sup>5</sup>

CNBB manifesta indignação ante o escândalo como escândalo daqueles que deveriam dar o bom exemplo ético aos brasileiros...

Partidos políticos acusam buscando com isso (incriminando os fatos e responsáveis) dizer que são melhores, procurando vantagens de credibilidade e eleitorais...

Jornalistas e empresas de comunicação acusam buscando dizer que são críticos e servidores da sociedade pelo esclarecimento e informação. Muitos, com isso, buscam esconder um passado de desinformação e subserviência...

As centrais sindicais (CUT, CEPERS, UNE...) guardam silêncio querendo que as acusações não atinjam o governo que ajudaram a eleger e de quem recebem polpudos recursos...

Lideranças, cidadãos das mais variadas latitudes manifestam repúdio, espanto, exigindo providências e punição.

A repercussão internacional: Bush, jornal de 25 de novembro sobre a probabilidade de terminar em pizza o maior escândalo político do Brasil

“Não foi isto que nós ensinamos a nossos filhos, não é isto que o povo brasileiro quer (este é honesto e respeitador do 7º mandamento: não roubar; não mentir, não levantar falso testemunho)”<sup>6</sup>: o horizonte do Estado de Cristandade enquanto critério e fundamento...

A contundência das denúncias obriga a abertura de CPI e reabrir CPI trancada (dos Bingos) a resistência do governo

## **B) O Discurso das Testemunhas**

“O deputado Osmar Serraglio e o senador Delcídio Amaral: ação firme evitou que o PT negasse até a existência do mensalão”<sup>7</sup>. Sessões longas, cansativas, irritantes de depoimentos, acareações, inquirições e reinquirições.

---

<sup>5</sup> Patarra, 05/06/2006

<sup>6</sup> Discurso da Senadora Heloísa Helena no Senado (TV Senado).

<sup>7</sup> Veja, 12/04/2006 p 56.

Testemunhas acuadas, ameaçadas, pedindo proteção de vida, acompanhadas de advogados que orientam o que devem e o que não devem dizer...A coragem e o medo do caseiro em testemunhar a presença dos políticos do PT numa casa de arranjo do mensalão em Brasília...

Por não votar a favor da reforma da Previdência proposta pelo executivo os “radicais” do PT são expulsos: Heloísa Helena, João Babá e Luciana Genro<sup>8</sup>

O ressurgimento da “denúncia privilegiada”

A interferência permanente do plenário impedindo que a testemunha ou depoente siga ou negue o que convém.

O refúgio de depoentes e testemunhas: “Ninguém sabe, ninguém viu: o princípio da máfia nos morros do Rio de Janeiro.”

“Eu não sei”... “Eu me reservo do direito de ficar calado e de não responder”...

Há também os mais corretos: eu vi... eu testemunho em nome de meus filhos, em nome da honra, em nome da pátria.. (Francenildo)

Ademirson Ariovaldo da Silva, assessor de Palocci terá de falar sobre o caso Cuba (dólares para o Caixa 2 via Ribeirão Preto... Vladimir Poletto<sup>9</sup>) Depoimento que diz e não diz, que deixa entender, mas não afirma o que antes afirmara.

### C) O Discurso da defesa (o discurso como defesa)

“A cada nova revelação (de escândalo), seguiu-se praticamente o mesmo roteiro. Os acusados a negavam com veemência, reagem indignados e diziam-se perseguidos – até vê-la comprovada pelas investigações.”<sup>10</sup>

Sobre a revelação de pagamento de propina a Maurício Marinho que seria em nome de Jefferson (pres. dos Correios) J. Dirceu: “Esse é um governo que não rouba e não deixa roubar”

Negar: (a presunção de inocência do acusado).

Negar, negar... necessidade de provas (o ônus da prova é de quem alega) – “Todas as acusações que o deputado me imputou são mentirosas” diz M. Valério sobre a acusação de ser o agente pagador.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> CPovo, 15/12/2003, p 2.

<sup>9</sup> ZH, 29/11/2005 p 8

<sup>10</sup> Veja, 28/12/2005 p 88.

<sup>11</sup> Veja, 15/06/2005.

M. Valério nega ter sido avalista do PT e que os empréstimos bancários vultuosos eram para suas fazendas<sup>12</sup>

O ministro Palocci nega as acusações de Rogério Buratti de ter recebido 50 000 reais da empresa Leão & Leão quando era prefeito de Ribeirão Preto e que marcava audiências com empresários...<sup>13</sup>

Severino Cavalcanti, eleito presidente da Câmara dos Deputados, quando era secretário dela, exigia propina de 10 000 reais mensais do empresário Sebastião Buani para a concessão do restaurante da Câmara, reage: “mentiras, mentiras, mentiras... mentira, canalha, safado”<sup>14</sup>

“Sílvio nega saber de empréstimos do PT... Nunca tinha ouvido falar nesse assunto de ‘mensalão’<sup>15</sup>

PT condena a cassação de José Dirceu... não havia prova de atos de corrupção... no entanto o PT pedirá a cassação do senador PSDB Eduardo Azeredo pelo fato de ter Caixa 2 em sua eleição<sup>16</sup>

A negação implica na transferência do ônus da prova que é de quem alega e acusa. Busca-se com isto fazer valer um princípio fundamental de direitos humanos e especialmente de direito penal, registrado em nossa Carta Magna: a presunção de que todos são tidos como inocentes até prova em contrário.

Os debates no Congresso evidenciaram que este princípio não era respeitado pelo PT, mesmo no caso dos escândalos quando qualquer indício de fraude de um oponente era tido como prova cabal e suficiente.

O Ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos indicado por Lula é quem fornece as teses de defesa dos acusados. “O que Delúbio, Silvinho, Meirelles e Palocci têm em comum? Todos usaram as teses jurídicas de Márcio Thomaz Bastos e o advogado indicado por ele para driblar a PF”<sup>17</sup>

“Márcio Thomaz Bastos tem o dever de proteger os direitos dos cidadãos. Mas ajudou Palocci a encobrir o crime de violação do sigilo do caseiro Francenildo... O ministro foi cúmplice” Marcelo Carneiro.<sup>18</sup>

---

<sup>12</sup> Veja, 29/06/2005.

<sup>13</sup> Veja 24/08/2005.

<sup>14</sup> Veja, 07/09/2005 p 52 ss.

<sup>15</sup> FSPaulo, 20/07/2005 p A9.

<sup>16</sup> CPovo, 03/12/2005 p1.

<sup>17</sup> Veja, 19,04/2006, p58 ss.

<sup>18</sup> Veja 12/04/2006 p49

Deslocar fatos apresentando outro fato mais causticante, mais escandaloso, mais urgente...(o referendo da fabricação e comercialização das armas de fogo...) para desviar a atenção da outra questão.

Esquecer, apagar: deslocando, desorientando o foco de atenção procura-se apagar, fazer esquecer o fato anterior (Isto é sistemático nos jornais televisivos como da TV Globo).

Eu não sabia:

Lula diz que não sabia e que as acusações são fruto de perseguição das elites e a não aceitação de ele ser um operário...<sup>19</sup>  
“Eu me sinto traído. Traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento. Estou indignado pelas revelações que aparecem a cada dia e que chocam o país” Lula, em pronunciamento nacional, em agosto de 2005<sup>20</sup>

“Assinei sem ler” José Genuíno sobre ser avalista de Valério<sup>21</sup>

Pedir desculpas:

Diante da revelação do publicitário Duda Mendonça de que teria recebido 10,5 milhões de reais por serviços prestados ao PT em 2002, depositados em conta no exterior, o Presidente Lula diz que o PT e o governo “onde erraram, devem desculpas”<sup>22</sup>

Fazer-se vítima:

Os dólares na cueca de um assessor de José Guimarães, irmão de José Genuíno visa atingir José Genuíno<sup>23</sup>

O PT “cometeu um erro de gravidade incomensurável” do Presidente Lula ao comentar o caixa dois do Partido dos Trabalhadores<sup>24</sup>

Lula diz que é vítima de infâmias... “O que fizeram com o Vice-Presidente da República é uma infâmia...”<sup>25</sup>

“O PT terá de sangrar muito para recuperar a credibilidade...se há indícios tem que ter uma investigação séria.... O que é importante não é se você sabia ou não, porque se eu tivesse condições de saber, não teria acontecido... o escândalo soou como uma facada nas costas...” Lula<sup>26</sup>

Acusar os acusadores (o ataque é a melhor defesa...)

---

<sup>19</sup> Veja, 20/07/2005

<sup>20</sup> Veja, 28/12/2005 p 163.

<sup>21</sup> Veja, 28/12/2005 p 166.

<sup>22</sup> Veja, 17/08/2005.

<sup>23</sup> Veja, 13/07/2005

<sup>24</sup> DPopular 03/01/2006 p 2.

<sup>25</sup> CPovo, 16/12/2005 p 2.

<sup>26</sup> ZH 02/01/2006 p 12.

Ameaçando contar tudo o que sabe, M. Valério teria chantageado o PT por 200 milhões de reais<sup>27</sup>

“Se a palavra é, realmente, uma arma, para o brasileiro é uma arma muito importante porque é uma arma que sofre as mais estranhas transformações e ainda é um interessante material de camuflagem. Agride-se e engana-se com a palavra com a maior facilidade... Assim, ‘confronto’, como está sendo a palavra apresentada... soa como pecado mortal... Se o governo adota medidas unilaterais (que torna legais as medidas provisórias pelo direito da força, mas não pela forma do Direito) e a Oposição busca formas hábeis para fazer frente a tais medidas, é acusada de querer ‘confronto’, com o Governo, com o Sistema...”<sup>28</sup>

Suborno:

“Um milhão de reais para tentar convencer funcionários da Caixa a assumir a culpa pela quebra do sigilo do caseiro... um famoso advogado chamado para forjar uma versão salvadora<sup>29</sup>

Desqualificar o acusador:

“Valério tenta desqualificar a secretária (que revela a relação de Valério com petistas) dizendo que ela tentou extorqui-lo.<sup>30</sup>

Ameaçar o acusador:

A ameaça de quebrar o sigilo bancário de Francenildo<sup>31</sup> Vladimir Poletto, assessor de Palocci que confirmou a história de 3 milhões de dólares doados por Cuba para a campanha presidencial e que vieram pelo avião sêneca desmente sua entrevista dizendo que o fez: “sob ameaça... com discernimento comprometido por ter bebido muito”<sup>32</sup>

Todos fazem assim:

É uma herança cultural, todos fazem assim, quem diz que não é um mentiroso, ninguém gastou apenas o que declarou à justiça eleitoral...

“O PT fez, do ponto de vista eleitoral, o que é feito no Brasil sistematicamente”, Lula, em Paris, sobre o caixa dois.<sup>33</sup>

Auto elogio e auto-qualificação:

“Nenhum governo foi tão investigado, inclusive pela sua própria polícia, a Polícia Federal” disse Tarso Genro Ministro das

<sup>27</sup> Veja, 27/06/2005 p 59 ss. Cf. DPopular 21/12/2005 p 22.

<sup>28</sup> Editorial, DManhã, 16/12/2005 p 4.

<sup>29</sup> Veja, 05/06/2006.

<sup>30</sup> “Veja, 22/06/2005

<sup>31</sup> Veja 05/04/2006

<sup>32</sup> Veja, 02/11/2005.

<sup>33</sup> Veja, 28/12/2005 p. 162.

Relações Institucionais, dando a entender que o PT não tem medo da investigação...<sup>34</sup>

“Se tem um governo que tem sido implacável no combate à corrupção, desde o primeiro dia, é o meu governo” Lula, em pronunciamento à nação em junho de 2005. “Neste país de 180 milhões de brasileiros, pode ter igual, mas não tem nem mulher nem homem que tenha coragem de me dar lição de ética, de moral e de honestidade” Lula, discurso no Rio de Janeiro em julho de 2005<sup>35</sup>

No Programa Roda Viva, Lula, em defesa de J. Dirceu: – “Feliz o país que tem um político da magnitude do Zé Dirceu”

O ministro José Dirceu (PT-SP) concede entrevista ao programa **Roda Viva** da TV Cultura. Afirma: o governo Lula “não rouba, não deixa roubar e combate a corrupção”. Rebate insinuações de fisiologismo.

Punir e desfazer-se dos aliados acusados (mesmo que sejam inocentes...)

Lula demite José Dirceu para salvar o governo e sua biografia dizendo: que foi a “decisão mais difícil” em 30 meses de governo<sup>36</sup> e que tem certeza que é inocente e que nenhuma prova contra ele foi trazida.

A simulação, o cinismo, a mentira, a retórica e o jogo de cena (evidente nas sessões especialmente do Conselho de Ética e transmitidas pela TV Senado)

O apego à legalidade e aos direitos humanos, a processualidade e a função do Supremo Tribunal Federal. “O advogado de Marcos Valério, Marcelo Leonardo requereu ao Supremo Tribunal Federal o desmembramento do inquérito do mensalão...(Assim, dos 40 denunciados apenas 6 – deputados – seriam processados pelo STF – os outros 34 pela justiça federal) E assim a coisa não acaba nunca...”<sup>37</sup>

Minimizar a importância do fato:

O Caixa 2 não é crime, nem corrupção, mas um erro apenas... (Discurso de Dirceu em sua defesa no dia da cassação). O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE, Carlos Velloso, defendeu ontem a necessidade de se terminar com o caixa 2 das campanhas eleitorais. “Temos que acabar com esse banditismo. O

---

<sup>34</sup> Veja, 12/04/2006 p 44.

<sup>35</sup> Veja, 28/12/2005 p 163.

<sup>36</sup> Veja, 22/06/2005 p 47.

<sup>37</sup> Veja, 20/09/2006 p 38.

ministro Márcio Thomaz Bastos disse isso. Estou plenamente de acordo', declarou...<sup>38</sup>

“Sem levar em conta as conseqüências de meu ato, aceitei que César Oliveira, meu amigo pessoal, me presenteasse com um carro Defender” Silvio Pereira sobre o Land Rover que recebeu da GDK<sup>39</sup>

Obstaculizar as investigações e a justiça:

Impedindo por todos os meios o prosseguimento das ações de investigação: “O então presidente do PT, José Genuíno, me pediu ajuda para convencer meus amigos deputados federais do PT a returar seu apoio à formação da CPI dos Correios”, Hélio Bicudo<sup>40</sup>

O recurso à imunidade parlamentar e à incompetência do parlamento para julgar atores que, mesmo parlamentares, não estivessem, no momento em atividade no Congresso (J. Dirceu)

A suposição de uma ação comunicativa (em seus pressupostos... eu sou sincero, verdadeiro, justo, honesto...) como fundamento de ações estratégicas...

O apelo à razão cínica em sua racionalidade estratégica:

O que vale é a eficácia das estratégias e táticas, porque o poder não é mais do que o exercício da eficácia (Machiavel), os fins justificam os meios.... Por isso Lula argumenta que Palocci é imprescindível para a vida econômica do Brasil...Rio de Janeiro (sem considerar se a vida econômica tal qual está é ou não ética...

A economia vai bem: Saldo comercial superávit de 925 milhões de dólares em 2005 o final de novembro... exportações 2.543 bilhões, importações 1.618 bilhão de dólares<sup>41</sup>. Mas Lula está chateado e obriga Palocci a dar explicações sobre a queda do PIB em 1,2% no terceiro trimestre de 2005... Acidental? Se não houver eficácia, parece que nada se salva.<sup>42</sup>

Lula decidiu liberar metade das sobras de arrecadação, R\$ 2,1 bilhões para ministérios gastarem neste final de ano, numa demonstração de eficácia governamental<sup>43</sup>...

Divulgar utopias, projetos, pensamentos como realizações:

Contra-atacar às acusações propondo utopias, projetos com ou sem fundamento real e vendido como já acontecendo... Educação.... Saúde....Segurança e, ultimamente o PAC.

<sup>38</sup> CPovo, 06/12/2005 p 2.

<sup>39</sup> Veja, 28/12/2005 p 167.

<sup>40</sup> Veja, 17/08/2005 p 71.

<sup>41</sup> CPovo, 29/11/2005 p 11.

<sup>42</sup> CPovo, 03/12/2005 p 1.

<sup>43</sup> CPovo, 06/12/2005 p1.

Lula decide aumentar o salário de mais de 1,5 milhão de funcionários públicos por medida provisória, ilegalmente, dentro do prazo vedado pela lei eleitoral, elitoreiramente. Os professores não são contemplados. Obviamente é barrado pelo Supremo Tribunal.

Inundar o espaço midiático com propostas, divulgação de realizações, sem espaço para a reação crítica, mesmo porque os maiores meios de comunicação estão amarrados a favores, privilégios...

#### **D) O Discurso dos Inquiridores**

O esgotamento das técnicas de inquirir, a paciência, a impaciência, a turbulência, as questões de ordem, o cinismo...

O apelo a Deus, aos filhos, à família, à honra, à pátria, tentando fazer com que a verdade se mostre.... Inquiridores apelam para a moral, para o roubo do dinheiro público que faz falta para a saúde, educação, segurança.... É o apelo permanente à ética do Estado de Cristandade desvinculando o poder em si mesmo da raiz ética de outridade que o Cristianismo trouxe.

A sensação que resta é a de que a ética está subordinada aos interesses de pessoas, de grupos, de partidos, de ideologias.

#### **E) O Discurso da Sociedade**

“Mensalão expõe os subterrâneos do PT:

“A imagem de um diretor dos Correios enfiando R\$ 3 mil de propina no bolso seria mais um flagrante da corrupção se não desencadeasse a maior crise política dos últimos anos no país. Visto por todo o Brasil, a partir de maio, o vídeo era a ponta de uma meada que levava aos subterrâneos de Brasília, de onde emergiram Roberto Jefferson, Delúbio Soares, Silvio Pereira, Marcos Valério, Severino Cavalcanti e dúzias de personagens sombrios envolvidos no escândalo do mensalão. Três CPIs encurralaram o governo, derrubaram ministros e levaram à cassação de deputados. A corrupção, o tráfico de influência e o caixa 2 haviam contaminado o que seria o último reduto da correção na vida pública. O PT, maior partido de esquerda da história brasileira e único a chegar ao poder, viu desabar a reputação autoproclamada de depositário da ética e da transparência na política. A crise provocou a fuga de parlamentares da legenda, envergonhou a militância e promoveu estragos na credibilidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O partido

que por 20 anos fomentara um moralismo exacerbado igualava-se ao que existe de pior na política”<sup>44</sup>

“O ano de 2005 entrará para a história como um dos períodos em que o Brasil assistiu à mais alucinante sucessão de escândalos de desvio do dinheiro público. Em sete meses, a soma dos valores envolvidos nas denúncias já supera 1 bilhão de reais, três CPIs foram instaladas no Congresso, dois deputados federais tiveram seus mandatos cassados (J. Dirceu e Jefferson) e outros cinco renunciaram para escapar ao mesmo destino. Três presidentes nacionais de partidos abandonaram o cargo, diretorias de estatais tiveram de ser trocadas de alto a baixo e o governo Lula, principal alvo das acusações, viu seus índices de popularidade despencar...”<sup>45</sup>

#### “Ética na Política

O tema mais debatido no Brasil neste ano que está findando, sem dúvida, é a crise moral em setores da classe política. [A elite dominante não é democrática]... É aí justamente que reside a crise de moralidade brasileira. Segundo o sociólogo Raymundo Faoro, o Brasil é governado, desde o tempo colonial, por uma comunidade de burocratas. Encastelada no poder, exerce o patronato político sobre a sociedade civil. Esse tipo de poder é essencialmente oligárquico. Ocorre que o Brasil, devido às mudanças estruturais registradas, deixou de ser uma nação rural e agrária e passou a ser urbano-industrial. A sociedade civil se estruturou e se politizou. Porém, o Estado parou no tempo, se esclerosou. Apesar da roupagem moderna que a Constituição brasileira dá, formalmente, nossas instituições políticas, na prática, substancialmente viciadas, são quem moldam o modo de ser e agir de nossa administração pública. Assim, no nepotismo, o fiscalismo voraz, assessores (sem concurso) venais, a advocacia administrativa, o clientelismo, o tráfico de influência, o abuso de poder político e, mais recentemente, o corporativismo dos servidores públicos, são praxes incorporadas à nossa cultura política, como resquício de poder reinante neste país. A crise ética decorre justamente desse fato: a praxe de confundir a coisa pública como se fosse um bem particular. Ocorre que a sociedade civil (que paga os impostos), não aceita mais passivamente esta praxe, condenando-a como imoral. No fundo a crise ética da política é a crise de legitimidade da classe política.... Nem tudo o que é legal é moral e legítimo...”<sup>46</sup> nem a

<sup>44</sup> ZH, 31/12/2005 e 01/01/2006 p 1 da Retrospectiva.

<sup>45</sup> Veja, 28/12/2005 p 88.

<sup>46</sup> Editorial de DManhã, 27/12/2006 p. 4.

imoralidade legalizada para perpetuar privilégios dos donos da coisa pública

Como o brasileiro vê a corrupção? Millor Fernandes cria várias situações e hilariamente pergunta como você reagiria: “A primeira vez que você ouviu falar do escândalo do mensalão você disse: 1) Isso é que é país! 2) Como é que o governo permite uma imprensa dessas? 3) Eu não compraria desse Lula nem um carro novo! 4) Vale o risco!” ou “Você dá uma nota de 10 pro jornalista velhinho da banca da esquina, e ele lhe dá 20 de troco. Você imediatamente: 1) Corrige o erro do velhinho. 2) Reclama chateado, aproveitando a gagaíça do jornalista: “Pó, eu lhe dei uma nota de 100!” 3) Chega em casa e manda todos os seus filhos comprarem vários jornais. 4) Bota o dinheiro no bolso e sai assobiando”<sup>47</sup>

Gal Costa comparando Collor e Lula: “Collor fez o que fez e caiu. Neste governo, vemos o que vemos e ele continua aí. Não creio que ele não sabia”<sup>48</sup>

Fernando Gabeira, depois da utopia da luta armada e da esquerda radical dona da ética, adotando o pacifismo como bandeira: “Vários mitos caíram. A ausência de um mito messiânico da classe operária permite concluir que não temos salvadores, o que é um avanço. A decadência moral em que parte da esquerda se meteu mostra que ela não é o bem absoluto. Fica demonstrado também que a direita não é o mal absoluto. Abre-se espaço para novas conformações políticas”<sup>49</sup>

André Petry comentando a chance de Lula se reeleger: “O eleitor envergonhado morre de medo que lhe descubram a identidade porque ele morre de vergonha do mensalão, do valerioduto, dos bingos, do caseiro, do lixo, do caixa dois, das cartilhas. Mas, escondidinho, vota em Lula”<sup>50</sup>

“No PT há pessoas capazes de roubar, matar, caluniar e liquidar qualquer um que passe pela frente, ameaçando seu projeto de poder” Heloísa Helena sobre os temores de Silvio Pereira de ser

---

<sup>47</sup> Veja 20/09/2006 p 29.

<sup>48</sup> Veja, 20/09/2006 p 43.

<sup>49</sup> Veja, 20/09/2006 p 48.

<sup>50</sup> Veja, 20/09/2006 p 75.

assassinado.<sup>51</sup> A ética do PT se transformou no maior embuste político ( não só eleitoral), um verdadeiro estelionato...

“O país parece sem rumo e tateando no escuro de uma das mais intensas crises políticas da história republicana... confundindo militância com profissionalismo... com fisiologismos equívocos”com lágrimas e desilusões que poderão servir de recomeço<sup>52</sup>

“O combate à corrupção exige a mobilização da sociedade para que as vulnerabilidades institucionais sejam concretamente enfrentadas”<sup>53</sup>

“É impossível que o presidente não soubesse” do Jurista Miguel Reale Júnior<sup>54</sup>

“Como eu, muita gente se recusa a ser candidato para não ter de fazer acordos com financiadores de campanha de todos os tipos. Não somos contrários à política mas à sordidez das campanhas”<sup>55</sup>

A absolvição de deputado mensaleiro provocou indignação entre alunos do Colégio Dom Bosco, na capital<sup>56</sup>

“Ele é mestre em esconder a sujeira embaixo do tapete. Sempre agiu desta forma....Lula é um homem centralizador...é impossível que não soubesse como os fundos estavam sendo angariados e gastos... (percebeu que o PT estava em caminho errado) quando a direção começou a tomar a frente das campanhas políticas No início a militância era a grande força eleitoral. Isto foi mudando na medida em que o partido começou a abandonar os princípios éticos...buscando a política de atingir o poder a qualquer preço...com o aparelhamento do Estado e a tática de alcançar resultados pela corrupção do Congresso Nacional...Dirceu é um trator. Ele é um homem que luta, sem restrições a meios, pelo poder... O PT chegou ao governo sem projeto.... e os que trabalharam no programa foram depois, pura e simplesmente

---

<sup>51</sup> Veja, 17/05/2006 p 39.

<sup>52</sup> José Antonio Faro. Cidade Nova, setembro de 2005, p 13 ss.

<sup>53</sup> Jaime Luccas. Cidade Nova 08/08/2005 p 12.

<sup>54</sup> Veja 19/04/2006 p.62.

<sup>55</sup> Stephen Kanitz. Veja, 17/08/2005 p 24.

<sup>56</sup> ZH, 09/04/2006 p 11.

deixados de lado... (O futuro do PT?) se continuarmos com a direção chapa branca não vamos chegar a lugar algum – a não ser no “desfazimento” de um partido que poderia ter chegado ao poder para realizar as reformas necessárias, mas só conseguiu promover um grande isolamento de Lula”. Entrevista de Hélio Bicudo, fundador do PT e um de seus maiores próceres.<sup>57</sup>

“Fizeram um “acórdão” vergonhoso”, diz Hélio Bicudo sobre o desfecho das CPIs<sup>58</sup>

“Os escândalos multiplicam-se e a corrupção inunda o país... Lula diz que não sabia.... Mas o seus amigos íntimos sabiam”<sup>59</sup>

“No poder, o Partido dos Trabalhadores (que ostentava a bandeira da moralidade pública) revelou-se, no mínimo, igual a outras organizações políticas que decepcionaram seus eleitores... Ora, se os partidos são representações fiéis da sociedade, significa que o país só conseguirá reduzir a corrupção na administração pública e na política se as correções começarem na base, com o exercício permanente de uma nova cultura ética...”<sup>60</sup>

Cartas dos leitores aos presidentiáveis, pedem ética... Os programas humorísticos pedem ética...

– Os jornais, as revistas, os editoriais ( por exemplo: 29/05/2006) falam da necessidade de ética. Paulo Santana fala da prepotência dos membros da CPI sobre violência provocando a reação de advogados... O bate-boca entre a advogada e o advogado que teriam vendido e recebido D.VD com a reunião secreta da comissão: você é um mentiroso... você é que é mentiroso. Parece que ganha quem mente sem piscar... Assim como a propaganda eleitoral... ganha quem sabe mentir melhor sem constrangimento como se aquilo que estivesse dizendo fosse a pura verdade...

TV Senado (28/01/2007) debate com o professor Cândido Mendes, Reitor da Universidade Comunitária Cândido Mendes do Rio de Janeiro: Esse Congresso dos mensaleiros, dos sanguessugas, da Caixa 2, não tem moral nem capacidade para fazer reforma política ou tributária. Denunciados, envolvidos, voltam ao ninho

---

<sup>57</sup> Veja, 17/08/2005 p 70-71.

<sup>58</sup> DPopular, 13/03/2006 p 12.

<sup>59</sup> DManhã 25/09/2006 p 2

<sup>60</sup> ZH, Editorial, 08/12/2005 p 20.

quente de sua antiga situação. A bolsa família, o micro-crédito, o Pro-uni, embora não sejam inclusão salarial, é um início de inclusão social, para começar o movimento... O Governo Lula caminhará para uma Democracia Social, superado o horizonte estreito do socialismo e do neo-liberalismo.

#### “A Corrupção (editorial)

Não há como evitar a corrupção. Já se tentou de tudo neste mundo de Deus, sem o menor resultado. Alguns comunistas e, mais recentemente, a maioria dos petistas, tinham a mania de encher a boca e dizer: ‘Lá não se rouba’. Lá não era apenas a União Soviética, mas Romênia, Bulgária, Polônia e todos os demais partidos comunistas. Lá não era Brasília, em tempos de governo Lula. De fora, realmente, parecia que ninguém roubava. Mas foi o regime comunista desabar e se descobriu que até velhos bolcheviques passavam a mão no dinheiro do povo sem a menor cerimônia.

No Brasil, nunca se viu, em tempo algum, tanta corrupção e roubalheira, mesmo que o presidente Lula continue jurando que não sabia das falcatruas de Marcos Valério, Delúbio Soares, José Dirceu e tantos outros ligados ao seu partido e ao seu governo.

Não achamos que todos os homens sejam corruptos e que a desonestidade faz parte da natureza humana. O que achamos é que, como disse muito bem Lord Acton, o poder corrompe. E ele deveria saber disso melhor do que ninguém, porque foi Primeiro Ministro da Grã-Bretanha.

Mas há poderes e poderes. Roubar, por exemplo, sempre foi um privilégio do Poder Executivo, porque é ele quem lida com obras, licitações e outras coisas do gênero. Ultimamente, com a denúncia do mensalão pago a parlamentares para aprovar projetos do governo, caiu por terra a afirmação de que “não há como roubar no Poder Legislativo”. Até o ex-presidente da Câmara Federal, Severino Cavalcanti, que renunciou o seu mandato para não ser cassado, recebia o chamado “mensalinho” para permitir que um cidadão continuasse explorando os serviços do restaurante da Câmara, sem concorrência pública ou através de concorrência fraudulenta e com cartas marcadas.

Outro dia, num conhecido café de Pelotas, uma figurinha difícil, um desses empresários de coisa nenhuma, que estão sempre dispostos a ganhar um dinheiro fácil, comentou em voz alta: “Vou me fazer na vida”. Deu uma risada e continuou: “Entrei para a política e vou roubar o que der”. Imaginem só se esse safado decide concorrer a deputado e se elege. No primeiro dia vai chamar o líder

de sua bancada para um canto e perguntar: “como é que se rouba aqui”? Esse é o Brasil que precisa ser mudado já. Até para preservar os políticos sérios e honestos que precisam ser eleitos em 2006”<sup>61</sup>

CNBB – é preciso um banho de moralidade..<sup>62</sup>.

“Sou um dos intelectuais que sempre votaram no Lula e estão profundamente decepcionados. Não voto em Lula e não decidi ainda em quem votar. Foi muito grave o que ele fez , a tentativa de manipular a opinião pública e esconder fatos lamentáveis... Sempre me considere um homem de esquerda, agora é quase um palavrão ser de esquerda.” A esquerda desmoralizou a esquerda. O grande desafio agora é refundar a esquerda. Mas não acredito que seja possível refundar o PT. Os delitos que eram atribuídos apenas à direita, passaram a ser perdoados. As pessoas estão mais conformadas e cínicas.<sup>63</sup> (Declarações de Sérgio Paulo Rouanet, ex-ministro da Cultura e autor da lei de incentivo à Cultura. In D.Manhã, 25/9/06 pg 3

“Sempre achei o mensalão uma coisa ridícula, uma bobagem... O pobre sempre ouviu que deveria ser honesto e foi expropriado. Hoje ele pensa: vou votar em alguém que faz algo por mim, que me dê o que comer. É ético o que o povo está fazendo, ele está defendendo a sua vida. É a lógica da vingança de quem sempre foi expropriado. Seja quem for, se der comida aos pobres, terá meu voto.. São Tomás de Aquino, na Suma Teológica, já dizia que, se você está com fome, você tem o direito de roubar. Nenhum presidente antes havia favorecido tanto os pobres, a não ser Getúlio Vargas. Mas depois veio Delfim (Delfim Netto, ministro da Fazenda durante a ditadura) e expropriou a comida dos pobres. Delfim era ético?... Essa história de mensalão foi criada pelo PFL... os outros governos roubaram indistintamente. Juscelino (Juscelino Kubitschek) fez Brasília com o dinheiro da Previdência. O mensalão é pouco perto dos bilhões das privatizações do governo GH, o governo mais corrupto ... o Lula deveria ter feito era trocar a política econômica que beneficia essa elite. Mas ele acendeu uma vela a Deus e outra ao diabo... Todo moralismo é farisaísmo... falam de moral num sistema que sempre foi imoral. Isso é

---

<sup>61</sup> DManhã, 29/11/2005 p 4.

<sup>62</sup> Documento: Orientações para a eleição de 2006

<sup>63</sup> Sérgio Paulo Rouanet, ex-ministro da Cultura e autor da lei de inc. à Cultura, in DManhã, 25/09/2006 p 3

farisaísmo. E não sou comunista, porque o comunismo tem a mesma lógica. A noção de ética não pode ser aplicada à economia se não vier acompanhada de outros valores. Essa moral foi feita para manter as pessoas pobres. Eu não sou farisaica. Enfrentei a ditadura e luto concretamente contra a injustiça”<sup>64</sup>

“O que morreu no Brasil não foi a ética, foi o sistema político que apodreceu, precisamos construir um outro sistema”  
Renan Calheiros<sup>65</sup>

“O esquema de PC Farias parece um chá de senhoras perto dos escândalos atuais” José Serra, prefeito de S.Paulo, julho de 2005.<sup>66</sup>

“Não que a corrupção tenha ocorrido só neste governo, mas, desta vez, veio num volume muito grande, e o povo ficou decepcionado”D. Cláudio Hummes, cardeal de S. Paulo<sup>67</sup>

OAB – Faz forte crítica ao governo.

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Roberto Busato, disse ontem que o episódio da tentativa de compra do dossiê contra tucanos revela “uma promiscuidade chocante e incompatível” no governo. Na abertura do Colégio de Presidentes dos Conselhos Seccionais da OAB, no Rio, Busato chegou a dizer que não comentaria os últimos episódios para não interferir no processo eleitoral. Porém, em seguida questionou: “Como uma entidade que exerce papel de tribuna da sociedade civil e historicamente tem mantido distância de governos, ideologias e partidos pode manter-se indiferente à decomposição moral de República?” Acrescentou que tornar a política sinônimo de corrupção e amoralidade é a maior das violências, superior àquela perpetrada pelas ditaduras. “A cada dia cresce o tumor que envolve o poder central. O centro do crime está ali instalado. É a volta à barbárie.”<sup>68</sup>

<sup>64</sup>Rose Marie Muraro, ZH, 23/09/2006 p12.

<sup>65</sup> Depois de três dias de intensa campanha para a presidência do Senado Federal, Renan Calheiros, em seu discurso de posse, referindo-se à “pior legislatura do parlamento brasileiro, salpicada de escândalos de mensalão, sanguessugas e tentativa de aumento salarial indecente... e comprometendo-se a recuperar a péssima imagem do legislativo... e moraliza-lo” conforme à ampla opinião dos comentaristas políticos cf. [www.jornaldebates.ig.com.br](http://www.jornaldebates.ig.com.br) de 02/02/2007.

<sup>66</sup> Veja, 28/12/2005 p 167.

<sup>67</sup> Veja 17/05/2006 p 38.

<sup>68</sup> CPovo, 21/09/2006 p 2.

Fernando Henrique Cardoso: 8/9/2006 - O documento é dirigido "aos militantes, simpatizantes e eleitores do meu partido, e mesmo às pessoas de boa fé que olham para a política com atenção, embora sem se envolver na vida partidária". O ex-presidente pede engajamento e entusiasmo aos tucanos, mas não deixa de fazer uma autocrítica, ao reconhecer que o PSDB foi vacilante em relação ao senador Eduardo Azeredo (MG), que era presidente do partido quando foi acusado de ter se beneficiado do valerioduto na campanha eleitoral de 1998. "Erramos quando quisemos tapar o sol com a peneira", avalia.

Os trechos mais fortes da carta são os que abordam o escândalo do mensalão. "Pagar mensalão é crime e como crime deve ser tratado", diz ele. "A fonte foi pública; é roubo de dinheiro do povo, ainda que empréstimos fictícios de bancos privados tenham sido usados para encobrir esse fato." FHC ataca diretamente Lula: "O próprio presidente, que é responsável pelos ministros, não tendo atuado para demiti-los nem depois do fato sabido, é passível de crime de responsabilidade."

FHC prega aos tucanos a necessidade de realçar as diferenças entre eles e os petistas. Do contrário, adverte, "a geléia geral predomina e elegeremos de cambulha um Congresso no qual sanguessugas e mensaleiros derrotados serão substituídos por outros prestes a reviver a mesma história".

Escrita num tom que mistura indignação política e um leve academicismo, a carta é um último esforço para reverter o desânimo que ameaça dominar a campanha tucana. O texto ocupa 11 páginas, nas quais o ex-presidente faz uma análise abrangente da conjuntura política do País, enaltece as qualidades de Alckmin e tenta desmontar os principais trunfos do candidato petista.

De acordo com Fernando Henrique, Lula e o PT levaram os piores setores da política para cena principal, "expondo o País às misérias a que todos assistimos indignados". Ele considera ser revoltante ver "o presidente e seus arautos passarem a mão na cabeça dos que erraram", com a desculpa de que "todos são iguais". Para o ex-presidente, essa é "uma versão mais sofisticada da mesma falta de vergonha de dizerem que a culpa é do sistema".

"A impunidade, a postergação de decisões da Justiça sobre presumíveis culpados desmoraliza tudo, desanima a população e dá a impressão de que o povo é indiferente à corrupção", registra o texto, cuja maior parte é dedicada mesmo a dissecar a gênese dos mais recentes escândalos. "Não é indiferença, é descrença na punição".

FHC chama os tucanos a encarar com coragem a questão da corrupção, para o bem do País e o futuro do próprio partido. "A podridão que encobre a política está nos transformando em vultos. Precisamos reganhar nossa cara", prega. "O não à corrupção, não nos iludamos é a condição para o futuro, tanto do País, como nosso".

O texto não evita também temas que incomodam os tucanos, como a violência urbana, a precariedade do sistema penitenciário, a força do crime organizado e as privatizações realizadas no seu governo. FHC também defende a política econômica de sua gestão, a seu ver mal copiada pelos petistas. "É descabido aceitar que a política econômica atual seja a continuidade da nossa", avalia. "Mantiveram o que era óbvio (metas de inflação, câmbio flutuante e superávits primários)", prossegue. "Mas sem avanços nas reformas."

A seguir, o presidente critica os juros altos e a falta de investimentos públicos e com mais ênfase ainda o "pacote de bondades" lançado por Lula neste ano eleitoral. Não poupa também o que chama de aparelhamento do Estado, com a nomeação em larga escala de "companheiros e aliados" sem qualificação técnica. "Processo que alcança grau máximo de irresponsabilidade quando são nomeados políticos derrotados ou apaniguados para ocuparem posições nas agências reguladoras", conclui.

“Um documento redigido por Tarso Genro, que defende a reorganização do partido em razão dos escândalos de corrupção e contém críticas à antiga cúpula, será apresentado no final de semana em Salvador (BA)...” contra o Campo Majoritário liderado por José Dirceu, responsável e coordenador do mensalão e Ricardo Berzoíni...<sup>69</sup>

“Este governo é corrupto, perdulário, aparelhador do Estado em favor do partido... promete um PAC quando nem plano de governo tem...” Senador Almeida Lima PMDB-<sup>70</sup>

Parece que ganha quem mente sem piscar... Assim como a propaganda eleitoral... ganha quem sabe mentir melhor sem constrangimento como se aquilo que estivesse dizendo fosse a pura verdade...

---

<sup>69</sup> ZH, 07/02/2007 p 8.

<sup>70</sup> TV – Senado 06/02/2007.

O Diário Popular tem o editorial sobre a ética na política destacando que um comportamento político ético é aquele que: resguarda os direitos republicanos nos fins e tem ética nos meios...<sup>71</sup>

“Nem sob os anos da ditadura a direita conseguiu desmoralizar a esquerda como esse núcleo petista fez em tão pouco tempo. Na ditadura, apesar de todo sofrimento, perseguições, prisões, assassinatos, saímos de cabeça erguida e certos de que tínhamos contribuído para a redemocratização do país. Agora, não. Esses dirigentes desmoralizaram o partido e respingaram lama por toda a esquerda brasileira.”<sup>72</sup>

Diante da comoção, da revolta, da indignação nacional ante o bárbaro assassinato do menino João, de seis anos de idade, arrastado 7 quilômetros pelas ruas do Rio de Janeiro pelos assaltantes, no carro em que a mãe e a irmã foram rendidas, o educador e psicólogo Içami Tiba, em debate no programa Domingão do Faustão disse que a violência crescente no país se deve à impunidade reinante. Seguindo o exemplo dos políticos que roubam, mentem e ainda buscam anistia da punibilidade de seus delitos todos sabem que podem fazer o que quiserem porque não serão punidos. A punição não consiste apenas em castigar. Castigar não educa. O que educa é arcar com as conseqüências do ato. É preciso educar para as conseqüências dos atos. Neste sentido só o amor educa. Só ele é forte e generoso. Só ele mudará.<sup>73</sup>

## ANÁLISE

As contradições do discurso (o discurso como contradição):

1. Cristóvão Buarque diz que com 6 bilhões, todas as crianças poderiam estar na escola em turno completo
2. Lula diz que não concede 16% de aumento aos aposentados (e sim apenas 5%) porque representaria um custo de 6 bilhões de reais
3. De comum acordo com Lula, o Congresso (Câmara e Senado) aprovam aumento aos servidores do legislativo e judiciário a um custo de 5,2 bilhões de reais.

---

<sup>71</sup> DPopular- 29/05/2006.

<sup>72</sup> Frei Betto, amigo histórico de Lula, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 24/8/2005

<sup>73</sup> TV Globo, 11/02/2007, 18,30 horas.

4. Os professores universitários não recebem aumento a 11 anos
5. Lula diz que fez revolução na educação, com universidade para todos....
6. A Unipampa que deveria iniciar as aulas em agosto, até agora não tem sequer prédio para seus campi.
7. Lula diz que criou a revolução de Luz para todos, para abranger 10 milhões de brasileiros sem luz elétrica, mas até agora forneceu para 3 milhões (especialmente assentados...) e a Eletrobras está avisando que é provável um novo apagão para o próximo ano...
8. Lula diz que criou e modernizou portos... (é projeto)... que recuperou milhões de quilômetros em estrada... e a realidade mostra a 116 intransitável... e pedágios....
9. Cúpula do PT diz que está realizando uma democracia participativa e inclusiva: o PSOL e oposição diz que este é um governo voluntarista, sem plano nem programa e centralizador.

Na contradição do discurso aparece: a presunção de eticidade de quem fala (é transparente, honesto, verdadeiro, probo, em favor do bem comum...) e a presunção de cinismo de quem ouve (fala assim e propõe políticas assim para galgar, permanecer no poder e derrubar os outros do poder – vale a razão cínica do poder pelo poder em suas estratégias...)

Na contradição entre realidade e fala aparece também a concepção de que política é ética, não porque é efetividade, mas como boa vontade subjetiva que permanece no campo particular enquanto decisão e realização. Que não há como avaliar se uma decisão política é ou não ética: depende das crenças, ideologias, idiossincrasias de cada um. Por isso é mais ético quem mais faz, quem for mais eficaz em conquistar, manter e permanecer no poder. O poder é o critério efetivo, visível, onde se decide pragmaticamente a vida política.

Na contradição (tida por seus manipuladores como toda e qualquer oposição)<sup>74</sup> confunde-se, intencionalmente ou não, a relação de função entre duas realidades e fatos: ocasião, condição ou causa. Tendo em vista que a institucionalidade, a efetividade do agir político é, não apenas sua ocasião de acontecer, mas sua condição *sine qua non*, por isso mesmo diz-se que é sua causa,

---

<sup>74</sup> Referímo-nos ao quadro das oposições, tão conhecido, de Aristóteles.

fundamento e sentido. É a epistemologia posta a serviço do poder. Já não interessa ao operador do discurso político cínico se é ocasião, condição ou causa: basta que seja efetivo. Basta que, com isso se vençam as eleições. Se comer, matar a fome é condição primária do viver, viver é determinado, fundado no comer e no matar a fome. Assim, dignidade, consciência histórica, participação, outridade, respeito, comunidade... tudo pode ser visto como meio, instrumento político contanto que se mate a fome. Porque, sem comer ninguém vive, logo viver é comer.

De nada adianta fazer o jogo de alguma oposição que quer salvar a dignidade sem a condição do comer, do vestir, do morar. Esse jogo alienado e alienante elide a ética da política tanto quanto a primeira posição

Por isso reafirmamos o que teoricamente está cima exposto: o agir político é ético se posto a serviço da vida humana (que é bio, psico, sócio, cultural e espiritualmente vivida) em comunidade responsável.

Por outro lado, o discurso político no Brasil de 2005-2006 manifesta um sujeito que a história do Brasil configurou: Elite como oligarquia rural? Coronelismo? Patronato político? Vanguarda operária e sindical? Ou um sujeito indefinido?

Veja-se o caso de Severino, o presidente da Câmara:

Severino, pobre, quase analfabeto, representante do interior do Nordeste, vendo os coronéis usarem do Estado para os interesses privados de seus negócios e, sabendo que o voto é necessário para revestir de legitimidade a atuação legal e política em geral, - não importa como os votos são conseguidos -, monta um “conluio do baixo clero” e, na clandestinidade da esperteza, toma conta da presidência da Câmara.

E, como os coronéis no poder, distribui “generosamente” benesses aos parentes, amigos, fazendo guerra aos outros:

- ameaça os outros coronéis (inclusive Lula e equipe) com o desvendar de suas falcatruas;
- sabe que o povo não tolera falcatrua<sup>75</sup>. Então que ela seja escondida e sob o manto de “todo mundo faz assim... quem não sabe que os políticos são corruptos?” “O povo brasileiro

---

<sup>75</sup> CPovo, 08/06/2005 p 2.

nem se importa que os pagamentos dos deputados passem de 12 para 22 mil reais”....

- Faz-se poder (um dos três poderes independentes da República...) e representa o poder nas festas, nas homenagens, nas inaugurações... e não no lugar e na função de legislador e para legislar.... Assim, que sentido tem Severino estar presente, animar e legitimar uma festa de cantadores do Nordeste em Brasília? Ou ir à Fenadoce, ...e não veio porque não há avião direto de São Paulo até Pelotas....?
- Efetivamente o poder é um privilégio em favor de quem o conquista.

Os símbolos denotam a posição. A posição constitutiva do sujeito.

Neste caso de Severino: o Estado de Crisandade, unindo indissolúvelmente o Estado e suas instituições com a religião cristã e suas instituições, fez com que o condutor do Estado e o condutor da religião sejam o mesmo, a mesma instituição, a mesma história, o mesmo departamento... Até hoje as oligarquias não esqueceram que o Estado de Crisandade entrou em crise... Assim a ética é ditada por aqueles que estão no poder. Dominação e domínio cultural é o mesmo: domina-se para impor, manter, reproduzir o sistema social, econômico, político e cultural... Severino não sabe que para haver o controle cultural e ideológico é preciso ter o domínio econômico e político. Que o domínio político não se mantem sem o econômico a não ser que o cultural, ético e religioso sejam profeticamente distintos e críticos ao econômico e social. O ético, então não reproduzirá o político, social e econômico, mas caminhará para um novo horizonte social e econômico como exigência ética e profética.

Mas, a opressão, a sujeição, a dominação não se diz. O disfarce, a ambiguidade como condição de dizer a opressão: necessidade da fatalidade e do destino, irrefutabilidade, (os atributos da divindade do mercado: onisciência, onipotência, juízo absoluto, implicando resignação...) O homem é, por natureza, esperto, aproveitador, transformando em seus os bens públicos... isto nem é crime, é apenas o costume, a tradição... todos fazem assim... Os fins justificam os meios (Machiavelli).

Para as esquerdas, transformar em particulares os bens públicos é crime hediondo... porque solapa a esperança do povo, a possibilidade de transformação social, mata o futuro... No entanto,

para conseguir o futuro, a utopia do homem, a opressão, a onipotência, a prepotência, podem ser justificadas pela bondade, pela justiça, pelo serviço, pela paz, pela ética...que virá. Isto é absolutamente a negação da ética. Usar e oprimir o homem concreto para conseguir o homem ideal: para isto todos os meios valem (Stalinismo...)

O discurso político no Brasil atual (capitalista, liberal, dependente, alienante de seus possibilidades de soberania) é de prometer o impossível porque ninguém terá instrumentos e meios de controlar a ação política. O discurso político atua neste vácuo de mediações e tenta exorcizar todas as mediações porque elas seriam seu controle e critério ético. O exemplo mais flagrante é a da procrastinação de uma real reforma política: uma reforma estrutural que permita a integração nacional, a introdução do voto e do censo distrital onde se pudesse conferir a verdade, o valor, a eticidade do discurso do representante político, etc...

Por isso os programas partidários, os discursos de campanha, o marketing de governo, são populistas, fazendo o povo crer na onipotência da palavra (taumaturgia, mágica, messiânica). Mesmo os que trabalham nos aparelhos ideológicos do Estado, mesmo os que se dizem arautos de nova era, as lideranças populares acabam no discurso dizendo factível aquilo que não se vê como viável. O discurso político, sofisticadamente, pretende que, em se dizendo ético e efetivo se faça ético e efetivo. O modelo ocidental de mercado capitalista e liberal, no Estado de Cristandade, sacraliza a palavra como operadora, criadora, mágica, em si mesma. O sacramento religioso do cristianismo transformou-se na onipotência criadora da palavra política e social.

A esperança, porém, não se funda apenas na promessa de um fim, mas na efetividade dos meios que permitem chegar lá, na eticidade, e na confiabilidade de quem fala.

Ora, a possibilidade de um agir político ético: na contramão, no contrapelo da história exige do servidor político, na impossibilidade da eficácia absoluta das instituições e mediações a renúncia ao totalitarismo, à prepotência ao absolutismo.

Essa entrega ética ao serviço da inclusão do excluído, da audiência ob-ediente do clamor por justiça do mais fraco, do armar sempre de novo possibilidades institucionais de libertação, sabendo que elas deverão ser destruídas, superadas logo depois, essa afirmação da finitude como epifania (manifestação que só se indica e não aparece em pleno dia) da transcendência, é o critério do discurso político.

No discurso político brasileiro o sujeito da fala pode ser caracterizado como:

- As elites agrárias, (desde os coronéis, senhores de engenho, do álcool, do café), do soja, do gado...bem como as elites industriais vinculadas ao grande comércio e especialmente ao setor financeiro (Bancos e Bolsa), além de um novo grupo constituído por chefes religiosos de um neopentecostalismo surgido em cada canto das maiores cidades brasileiras;
- As classes médias: liberais, empresários emergentes, profissionais de altas empresas e a serviço delas;
- As classes médias a caminho da favelização... professores, funcionalismo público...
- Operários articulados pelas centrais sindicais ou no limite da miséria...
- Os miseráveis que não recebem o mínimo para sobreviver: cerca de 50 milhões de brasileiros, usados como massa de manobra, como argumento das mais variadas pretensões dos políticos no poder.

O discurso, nas fendas do fracasso do socialismo histórico, no foco sempre renovado do combate ao fundamentalismo, ao terrorismo, no contexto de uma catástrofe ambiental mundial anunciada para sempre mais breve, sob o halo, a proteção e a bênção do mercado mundial (com o acúmulo e concentração de riquezas no modelo 80 x 20, como o ressoar da palavra midiaticamente hegemônica, aparece como encantamento das massas, como promessa renovada dos direitos mínimos, da cidadania, no contexto das promessas da modernidade.

O discurso político no Brasil hoje mostra também o viés da ideológica teoria da irresponsabilidade social, política e ética do sujeito sujeitado. Ninguém pode ser responsabilizado por seus atos porque o sujeito que fala e que age foi constituído assim pelo sistema de produção vigente, pelo contexto social. Este sujeito que assim fala e age desempenha um papel que lhe foi destinado: é um sujeito sujeitado. Não há porque culpabilizar, responsabilizar, punir, exigir do agir e do falar deste sujeito enquanto desempenha o papel na função que lhe foi designada.

Isto aparece no discurso de Severino: o discurso do baixo clero, dos excluídos das benesses e privilégios da corrupção, do nepotismo, do roubo, do auto-enriquecimento sob o pretexto da sinceridade: todo mundo faz assim, eu, pelo menos, sou sincero...

Por outro lado o discurso não pode sustentar a corrupção explicitamente, do contrário a política não se manteria: por isso a necessidade de o discurso tentar revestir a política com um véu de moralidade, moralidade que é atribuída ao senso comum da sociedade brasileira. É preciso que ela seja simulação, biombo de marionetes. A atuação política corrupta precisa do verniz da eticidade... toda política precisa de legitimidade e não apenas da legalidade... a legalidade é sempre apenas um dos fatores da legitimidade do poder.

O discurso político é moldado, guiado e inspirado por um marketing político enquanto fabricação de imagem, sustentação e melhoria da imagem. O que vale é a imagem feita, produzida e publicada pela mídia.

Entre os princípios fundamentais do marketing político evidenciam-se:

- O marketing não lida com a verdade, lida com a imagem que se pretende vender, disponibilizar

- Assim como no mercado, vende-se a satisfação de desejos. Se não há desejos, criam-se os desejos para depois oferecer o meio eficaz de satisfazê-los. Assim como o mercado não lida com necessidades (as necessidades são somente aquelas que são percebidas como necessidades pelo desejo). Assim o mercado não lida com a satisfação das necessidades fundamentais do homem: elas são reduzidas pelo marketing de aquilo que se deseja. E então tudo entra na lei da oferta e da procura.

- Assim na política não é preciso ter conteúdo, necessidades reais a satisfazer... Por isso a política e o político em seu agir e dizer deve encarnar sempre o que o povo quer. Mesmo que (elaborado o desejo pela mídia) o povo queira pão e circo, carnaval e sossego apenas... Assim o grito do excluído clamando por justiça, como não interessa ao mercado, não deve interessar ao político.

- A culpa é sempre dos outros: da gestão anterior, do mercado mundial, da incapacidade dos cidadãos, da natureza humana, da geografia...

- O representante eleito tem em suas mãos a promessa, a bênção de Deus (como falava Calvino do homem pré-destinado à salvação: ele tem a bênção, o sucesso, a riqueza, pelo planejamento e capacidade...). Por isso, o deputado Arlindo Chinaglia ao ser eleito presidente da Câmara pode dizer, sem contestação dos pares, que os deputados não são pessoas como as outras, comuns: devem ter, por isso salários condizentes mesmo que eles representem (na totalidade dos benefícios de cada um) trezentos salários de um trabalhador comum (empregado). Por isso a autoridade de um

político não poder ser simplesmente posta em dúvida, ela tem fé pública, e foro privilegiado a pretexto de garantir a liberdade de expressão e a democracia.

- O “marketeiro”, para forjar, formatar e publicizar a imagem do político, nunca tem culpa da mentira que é sempre e apenas um ponto de vista, criatividade...
- A crítica é sempre pragmática, ad hoc, e não ultrapassa as aparências...verdade, correção, fundamento deve ser visto como doença e prepotência...
- Nenhum critério ultrapassa a subjetividade de cada um..
- Em tudo é preciso dar a aparência de ética, participação, igualdade, liberdade, comunidade, progresso infinito...
- O apelo à liberdade é mais fundo que o apelo pelo social...que a comiserção...
- O povo esquece logo... e a escola, e a imprensa é a máquina do esquecimento, do “no stress”, afinal o mundo continua.

O marketing, porém, esquece e faz o político esquecer o adágio popular: o peixe morre pela boca.

## **Conclusões**

Nossa hipótese de que o discurso político no Brasil durante os anos de 2005 e 2006 parece sobejamente confirmada. A política aparece como arte de conquistar, gerir e permanecer no poder. O poder, em si mesmo e para si mesmo, aparece como o critério do discurso e da eticidade do discurso político. A razão cínica, com suas estratégias aparece como o fundamento de um discurso moldado nas diretrizes do mercado mundial e na pós-modernidade.

Nos escândalos que envolveram o Congresso Nacional nestes dois anos, o discurso político, tanto na acusação, como na defesa mostra-se inserido no contexto do Estado de Cristandade como referencial ético em sua contradição.

O discurso dos congressistas nacionais (Senado e Câmara Federal), especialmente no interior das comissões de inquérito trazem à tona alguns pressupostos do discurso político como:

O discurso é brandido como ação estratégica mas é apresentado como ação comunicativa.

O discurso político enquanto legitimação da ação política, ao mesmo tempo que pretende um discurso ético segundo a teoria de Karl-Otto Apel e J. Habermas (um sentido compreensível intersubjetivamente, pretensamente verdadeiro, veraz e sincero e

coerente com a perspectiva ética do povo brasileiro, com argumentos pretensamente válidos não só para os outros parlamentares e para a sociedade brasileira, mas também válidos para qualquer sociedade humana); Esquece que tanto na ética do discurso de Apel como de Habermas, supõe-se magicamente existente a simetria dos interlocutores, dos que detém o poder e a hegemonia e dos que estão econômica, política, social e culturalmente excluídos.

Pretende, ao mesmo tempo, fazer da linguagem um instrumento de poder, enquanto violência simbólica que destrua o argumento contrário na racionalidade da retórica e assim faça valer hegemonicamente um só sentido, uma só verdade. O melhor argumento é o que gera o consenso diria Habermas, sem considerar o poder argumentativo dos interlocutores.

Assim, segundo a lição de Machiavel, os fins justificam os meios, tanto na ação política como em sua legitimação discursiva.

Este discurso, que se sabe perlocucionário, procura garantir e reproduzir o imaginário simbólico da sociedade brasileira, tanto mais constituidora do poder político quanto mais alta a esfera do poder.

A contradição revelada pelo discurso político, enquanto reprodução da contradição ética posta pelo imaginário cultural brasileiro, se resolve quando o discurso for reconduzido a uma ação comunicativa fundada na ética da alteridade segundo as indicações teóricas de Levinas, Paul-Ricoeur e a ética da Libertação de E. Dussel.

É preciso falar, falar à saciedade, por todos os meios e trejeitos possíveis, para que a transparência, a probidade, a honestidade, a ética, disfarce e aparente encobrir a realidade. Porque está pressposto que a linguagem não expressa o real, nem o pensamento é capaz de pensar o real: divórcio absoluto entre Ser, Pensar e Falar<sup>76</sup>

Para justificar os desmandos, a roubalheira, o aparelhamento e a apropriação do Estado para uma agremiação política, diz-se que todos fazem o mesmo, todos roubam, todos sabem, ninguém é virgem... também em outros governos... A ética aparece como aquilo que é admitido pela média social, pensada em termos dos políticos...

A ética do discurso (do consenso... da comunidade ideal ou real...) aparece como é o discurso da ética: A democracia como a epifania da ética é louvada como o regime mais adequado e o

---

<sup>76</sup> Síntese do pensamento do sofista grego Górgias.

melhor para os homens: permite realizar CPIs, a transparência do agir político, televisionar seus depoimentos e debates. A democracia vale por si mesma... O Papa, porém, alerta que a Democracia é um meio e não um fim

No discurso político brasileiro mostram-se duas vertentes éticas claras e contraditórias mantidas como fundidas no Estado de Cristandade:

Por um lado o modelo do projeto europeu onde:

- A economia é a do mercado
- A política é a do Estado neo-liberal, com simulacro do Estado de Bem Estar Social e com a forma legal utópica de um Estado Democrático de Direito.
- A organização social é a do achatamento da classe média, da concentração da renda e da exclusão de cada vez maior número de pessoas
- A cultura não encontra sua identidade senão no mimetismo em relação ao primeiro mundo (positivismo, racionalismo...), a negação da sua raiz indígena, o “ainda não” de seu projeto que nem existe enquanto interculturalidade
- A religião do Estado de Cristandade é o fundamento ideológico para disfarçar a contradição e a inaplicabilidade das promessas da modernidade: igualdade, liberdade, fraternidade... no invólucro da ordem e progresso...

Por outro lado e acompanhando toda a história do Brasil, antes e depois da Europa, há o sentimento profundo de solidariedade, de compaixão, de escutar a voz dos mais fracos, de estar abertos aos apelos éticos da interpelação do Outro. Isto se deve à experiência pré-semita de nossas comunidades indígenas, à experiência tentada e esmagada da autonomia das comunidades indígenas nas reduções e missões (especialmente dos jesuítas); às iniciativas de comunidades de base antes e especialmente depois do Concílio Vaticano II. A múltiplos exemplos éticos de homens e mulheres que se põem a serviço da palavra como espaço de comunhão e de justiça.

Isto fere, agride, provoca, denuncia o modelo do poder pelo poder do primeiro modelo. Este revida desmontando os apoios dessas reais experiências éticas comunitárias para absorve-las, subsumi-las demagógicamente em seus discursos para encobrir a negação.

Assim, os meios de comunicação que poderiam ser o lugar da transparência, o lugar da ausculta da interpelação do oprimido, é utilizado, com as técnicas cada vez mais refinadas de persuasão explícitas ou subliminares para manter subjogado o fraco: é o destino, é o ineludível, é o natural, é o de sempre...

No discurso político soa e ressoa a alienação, a corrupção, a mentira, o engodo, a anomia social sob as vestes de seu vice-versa.

É a ressonância da ética do Estado de Cristandade em sua contradição. Igualdade como mesmidade dos mesmos (quer seja o mesmo grupo, a mesma classe, a mesma nação, a mesma etnia ou a mesma máfia); liberdade como o direito de fazer o que se quiser (propriedade); fraternidade como odiar juntos o mesmo inimigo, como etnocentrismo nacionalista ou de classe ou de raça...

Neste contexto, tem sentido expressões como as que seguem:

“Não somos índios”, não somos negros, não somos europeus, ainda não somos. Não é possível superar o mercado capitalista e liberal; o mercado veio para ficar; é preciso salvar a governabilidade, a não inflação, o superávit primário, o não déficit da previdência, o contentar os pobres manietando-os em sua pobreza; veja quanto nós fizemos, não somos como os outros... é preciso imitar os países avançados... uma coisa se diz antes e outra depois que se está no poder... O poder tem uma circunstância que é preciso manter, ritualizar; foi apenas um deslize, nós fizemos investigações; e, então, fomentar distúrbios para não mudar nada... Trejeitos para se dizer de esquerda... Nós somos os socialistas... nós fomos presos... nós temos mártires... eu fui pobre... eu saí de baixo... Nós somos a mediação suficiente... Oposição é indecência, má fé, retrocesso...

O discurso tem seu significado no ser, no sistema, na racionalidade lógica do poder... Nós somos a história, a sua vanguarda, os pontos avançados, nós temos o bem e sua força revolucionária... A mesmidade que se reproduz, que não permite o novo, o criador... porque toda a novidade deve ser igual à já pensada, tematizada, ordenada por aqueles que sempre estiveram dentro do sistema, gemendo contra os desarranjos internos do sistema... Sem querer quebrar nem abrir o sistema aos excluídos verdadeiramente.

Por isso ressoa tão estupefaciente o discurso de Marcola (PCC), o maior líder do crime organizado: “nós somos o início tardio de vossa consciência social”. Nós temos o poder (poder de um Estado paralelo? Poder de uma sociedade que está consciente de sua exclusão?) Nós temos grana... Estamos todos no inferno

“Lasciate ogni speranza voi ch’intrate”. Não há solução como a querem os que organizam e mandam no Brasil... O Brasil não tem solução porque os políticos nem sabem a extensão do problema. Nós vivemos a globalização. Vocês é que tem medo de morrer.

E o Cabeça de Porco já citado pode dizer: “Aliás, o que os jovens das comunidades mais querem é ser iguais aos que vivem fora dela, e os fora da lei acabam tentando ser o espelho dos que moram fora do morro...”

Para que o discurso político aconteça como ação comunicativa e não apenas como ação estratégica, como diz J. Habermas, é preciso que a ética não se baseie apenas nos pressupostos expostos por Apel, mas que efetive, produza a inclusão dos excluídos, os marginalizados pelo mercado, isto é desmonte o mercado baseado apenas na propriedade exclusiva e absoluta: a simetria dos interlocutores é condição da ética do discurso. A verdade, a veracidade, a coerência do discurso político não se sustenta legitimamente como conquista do consenso (pela manipulação do discurso midiático) que pode ser o de uma máfia, do grupo isonômico (simétrico) que detem o poder. Se os excluídos da interlocução não tiverem a primazia, a prioridade em seu clamor por justiça (e se o espaço político não for uma caixa de ressonância das necessidades do povo, máxime dos mais fracos), o discurso político perde o fundamento ético, e a ética não passará de má consciência, de má fé, mesmo que travestida ideologicamente das roupagens do Estado de Cristandade.

Os pressupostos da ética do discurso de Apel e de Habermas, embora insuficientes para dar sentido à contradição do discurso político brasileiro, nem sequer são atendidos por alguns dos discursos políticos dos envolvidos em CPIs, e dos que devem dar explicações pela tremenda exclusão em que vive grande parte da população brasileira.

A ética que busca fundamento no clamor do excluído que pede justiça, articulando-se em instituições que buscam garantir a reprodução e desenvolvimento da vida humana em sua dignidade, é a ponta de sentido que pode permitir esclarecer estes discursos.

---

**Abstract:** This paper intends to approach the political discourse of the Brazilian National Congress, in the years 2005-2006, having to do it with Ethics. For this purpose we have adopted Enrique Dussel's viewpoint to whom Ethics must necessarily comprise three dimensions: 1) a material, substantial, and real dimension; 2) a formal, universal, and transcendent dimension; 3) a dimension of feasibility. Therefore, the ethical dimensions pointed out by the Modernity and Post-modernity, including Apel's and Habermas's position, surpass themselves.

“The reproduction and development of the life of the human subject is the criterion of truth (theoretical and practical), absolute condition of existence not only of the subjects of argumentation, but also of the own conceptual and linguistic processes”. With this theoretical perspective, the political discourse seems to reveal, at one time, the banality of the political acting exclusively regulated by the strategy of effectiveness, of the power by the power (cynical reason), and at the other, it is made a theater of plea for the ethical behavior. The ethical ambiguity, since the nihilism, relativism to the communitarism, to the pragmatism, as far as adopted in Brazilian universities, ought to and can be overcome. Thus, we analyze the discourses of denunciation, defense, of the arguer and of the society about the scandals occurred at the houses of Congress, trying to perceive in what they base themselves and where they lead to. With this, we try to bind together Ethics, discourse, politics and philosophy.

**Key words:** Ethics; discourse; politics.

---

### Referências

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília: UNB, 4<sup>a</sup> ed., 2001  
\_\_\_\_\_. Tópicos, in *Os Pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1973

BETANCOURT, Raul Fonet e MÜLLER, Alfredo Gómez. *Posições atuais da Filosofia Européia*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2002.

BÍBLIA – São Paulo: Loyola, 1995.

CIDADE NOVA – Revista mensal – Guarulhos – SP.

CNBB. *Eleições 2006 – Orientações da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2006

DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965.

DIÁRIO POPULAR (D. Popular), 15 de Novembro, 718, Pelotas – RS

DIÁRIO DA MANHÃ (D. Manhã), Gonçalves Chaves, 771 – Pelotas – RS

DICIONÁRIO DE PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO. São Paulo: Paulus, 2000.

DUSSEL, E. *Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_ APEL, K.O. *Ética del discurso y Ética de la Liberación*. Madrid: Trotta, 2005.

FAORO, Rymundo. *Os donos do Poder – Formação do Patronato Político Brasileiro*. 5ª. Ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

GLOBO. *Dicionário Brasileiro*. São Paulo: Globo, 1999.

HABERMAS, J. *Direito e Democracia – Entre Facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

\_\_\_\_ *Más allá del Estado Nacional*. Madrid: Trotta, 1997.

\_\_\_\_ *Dialética e Hermenêutica*. Porto Alegre: LyPM, 1987.

\_\_\_\_ *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HEIDEGGER, M. *A caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_ *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

KANT, I. *Crítica de la razón Práctica – Fundamentación de la Metafísica de los Costumbres – La Paz Perpétua*. Mexico: Porrúa, 1972.

JORNAL O GLOBO – Rio de Janeiro.

JORNAL A FOLHA DE SÃO PAULO – São Paulo.

JORNAL ZERO HORA – Porto Alegre

PATARRA, Ivo: [www.escandalodomensalao.com.br](http://www.escandalodomensalao.com.br)

PÊCHEUX, Michel. *Les Sciences humaines et le moment actuel*, La Pensée, n. 143, 1969, p 62-79.

\_\_\_\_ *Semântica e Discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Da Educamp, 1988.

PORTILLA, Miguel Leon. *La Filosofía Nahuatl*. México: UNAM, 1979.

PRIEN, Hans-Jürgen. *La Historia del Cristianismo em América Latina*. Salamanca: Sígueme, 1985.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 1995. I-V.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org). *Democratizar a Democracia – Os Caminhos da Democracia Participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOUZA, Bernardo de. *Todo Poder Emana do Povo*. Pelotas: Educat, 2ª ed., 2004.

TV – GLOBO – Rio de Janeiro

VEJA – Revista Semanal – Rio de Janeiro.

ZANOTELLI, Jandir. *Orçamento Participativo – Pressupostos ético-críticos da Participação Popular – para além da Dialética*. Pelotas: Educat, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ontologia do Diálogo*. Pelotas: EDUCAT, 1997.

\_\_\_\_\_. *América Latina – Raízes Sócio-Político-Culturais*. 3ª.Ed. Pelotas: EDUCAT, 2004

ZUBIRI, Xavier. *Naturaleza, História, Dios*. Madrid: Editora Nacional, 1963.